

MANEJO DE QUIRÓPTEROS EM FOCOS DE RAIVA EM ÁREAS URBANAS.

KOTAIT, I.¹; HARMANI, N.M.S.²; FAVORETTO, S.L.¹; CARRIERI, M.L.¹; SODRE, M.M.²; PANACHAO, M.R.I.¹; TAKAOKA, N.Y.¹.

¹ INSTITUTO PASTEUR, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

² CENTRO DE CONTROLE DE ZONÓSES, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

No período 1996 a 1998 houve, no Estado de São Paulo, 53 diagnósticos laboratoriais positivos para a raiva em quirópteros (8 hematófagos, 26 insetívoros, 18 frugívoros). Destes, 43 foram encontrados e/ou capturados em áreas urbanas, na maioria das vezes quintais e áreas verdes, sendo então levados aos Serviços de Saúde ou aos Centros de Controle de Zoonoses do município, que os encaminharam para diagnóstico laboratorial. Em 1998, o Estado de São Paulo apresentou, em áreas urbanas, mais focos de raiva em quirópteros (32) que em cães e gatos (7), sendo 15 em frugívoros e 17 em insetívoros. Este crescente diagnóstico de raiva em quirópteros em áreas urbanas é um fato bastante preocupante, visto a provável interação morcego hematófago-não hematófago, a possibilidade de transmissão da raiva a humanos e a espécies animais urbanas (cão e gato) e a inexistência de condutas padronizadas para cobertura de foco de raiva nestes animais, como aquelas tradicionalmente usadas para outras espécies. A preocupação da Comissão de Coordenação do Programa de Controle da Raiva no Estado de São Paulo aumentou ao analisar as espécies de morcegos, nas quais mais freqüentemente foi possível o isolamento do vírus da raiva. Observou-se que o morcego frugívoro *Artibeus lituratus* representou 25% dos isolamentos. Deve-se considerar, também, os hábitos sinantrópicos desta espécie, a sua crescente freqüência em centros urbanos e a constatação, através da tipificação antigênica com anticorpos monoclonais, da infecção pela variante 3, *Desmodus rotundus*, em cerca de 80% dos casos de raiva desta espécie. O objeto do presente trabalho é o de propor um conjunto de ações a serem desencadeadas a partir do diagnóstico de raiva em quirópteros, originários de áreas urbanas, a saber: identificação de possíveis contatos humanos e animais para proceder ao tratamento profilático, se necessário; identificação da espécie de quiróptero; identificação do possível abrigo; para captura de quirópteros e encaminhamento para laboratório; levantamento de espécies que coabitam; vacinação da população canina e felina em um raio de 500 m; captura de cães e gatos errantes, eutanásia e encaminhamento ao laboratório; avaliação e interferência das condições ambientais (poda de árvores, vedação em edificações); ampla campanha educativa orientando para a não manipulação de morcegos e encaminhamento de animais suspeitos para o laboratório. Define-se como animal suspeito todo aquele encontrado em local e hora não habituais. Em casos de centros urbanos com alta incidência de raiva em quirópteros, intensificar as atividades de vigilância, principalmente encaminhamento de material para tipificação da cepa viral.